A MULHER NA DITADURA MILITAR: UM OLHAR A PARTIR DO CINEMA BRASILEIRO

Mariana Nunes Soares (PIBIC/CNPq/UEPG), Fábio Augusto Steyer (Orientador), e-mail: fsteyer@uol.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Estudos da Linguagem.

Letras/ Literatura Comparada

Palavras-chave: Lúcia Murat; cinema-história; ditadura militar.

Resumo

Este trabalho buscou mostrar o significado da obra de Lúcia Murat no resgate de nossa história e, também, salientar os traços autobiográficos da diretora/roteirista em sua obra. Para isso, foi escolhido o filme *Que bom te ver viva*, de 1989, que traz à tona questões sobre a ditadura militar no Brasil, a partir de entrevistas com mulheres reais. Foi possível estabelecer uma relação entre a personagem fictícia e a diretora, a partir da análise de seus testemunhos reais em comparação com as falas da personagem.

Introdução

A história do Brasil, entre 1964 e 1985, permanece muito mal contada e isso se intensifica quando se trata de mulheres; as torturas pelas quais elas passaram – algumas específicas para mulheres – , as preocupações e medos que elas tinham, muitas vezes relacionadas a filhos que ainda não tinham nascido e, sobretudo, as feridas emocionais que foram deixadas, são até hoje ignoradas ou desconhecidas por grande parte da população. Lúcia Murat, em seu filme *Que bom te ver viva*, se preocupa com essas questões, em mostrá-las do ponto de vista de quem viveu esses momentos – e ainda vive, levando em conta que, segundo as entrevistadas para o filme, muitas vezes as lembranças dos momentos terríveis que elas passaram ainda se mostram muito vivas em suas memórias.
A partir da leitura de documentos como a *Comissão Nacional da Verdade* e o livro *Brasil: nunca mais,* que reúne partes de depoimentos de ex presos políticos, busca-se ressaltar, neste trabalho, as questões tratadas por Murat no filme, as relacionando com os fatos – incluindo sua própria experiência enquanto ex presa política.

Revisão de literatura

Para que os objetivos da pesquisa pudessem ser atingidos, foi necessária uma análise detalhada do filme *Que bom te ver viva* e uma aproximação deste com documentos e testemunhos reais. Os documentos utilizados foram arquivos da *Comissão Nacional da Verdade (CNV)* (criada pela Lei 12528/2011 e instituída em 16 de maio de 2012; tem por finalidade apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988) e os depoimentos que fazem parte do projeto *Brasil: Nunca Mais* (livro que traz, na forma

se síntese, os resultados da pesquisa “Brasil: Nunca Mais”, que reuniu as cópias de quase todos os processos políticos que transitaram pela Justiça Militar brasileira entre 1964 e 1979, estudando a repressão exercida pelo Regime Militar).
Dentro dos arquivos da CNV, pode ser encontrado o testemunho de Lucia Murat à *Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro;* a leitura desse texto foi essencial para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados.

Resultados e Discussão

O projeto *Brasil: Nunca Mais,* supracitado, conta com o seguinte trecho em sua apresentação:

> [...] É preciso trabalhar [...] na remoção dos rastros do autoritarismo e na definição de um legítimo Estado de Direito, que seja sólido e ao mesmo tempo permeável à crítica. Onde não seja proibido participar, nem discordar, nem contestar. Onde o grito dos pobres possa ser ouvido. O grito e todos. Para tanto, é indispensável aprender as lições que emanam de nosso passado [...]. As lições de nossa história. (ARNS, D.P.E (org.), 1985. p.21)

A obra de Lúcia Murat, como um todo, parte necessariamente desse princípio, o de que a história não pode ser esquecida; mais especificamente *Que bom te ver viva* também traz à tona um lado dessa história que parece, até os dias de hoje, desconhecido ou até mesmo ignorado.
Que bom te ver viva, de 1989, foi o primeiro longa-metragem de Murat. O filme, de caráter híbrido – drama/documentário –, conta com os depoimentos de 8 mulheres ex presas políticas que relembram suas próprias histórias e contam como suas vidas têm sido depois do que sofreram na prisão. Mais do que as dores físicas pelas quais passaram, elas falam sobre as marcas deixadas em seu emocional/psicológico, que são as mais difíceis de ser superadas, segundos seus relatos.
Em muitas cenas do filme as entrevistadas falam sobre a dificuldade de se falar sobre o tema ditadura militar/tortura; segundo elas, é quase impossível discutir o assunto, por causar constrangimento nas pessoas. Outra questão que elas citam é o relacionamento delas com homens, que se tornou difícil depois da prisão. Como os torturadores eram homens, algumas delas acabaram associando imagens masculinas à de torturadores, mesmo anos depois de serem libertas. Muitas delas também falam sobre como a maternidade foi um fator importante, e até decisivo, para que elas permanecessem fortes, apesar de tudo.
A personagem de Irene Ravache no filme (única personagem fictícia, sem nome) pode ser entendida como um alter ego de Murat, considerando que em várias cenas do filme ela faz referência a fatos e também fala sobre sua vida pós prisão, seus medos, seus traumas, etc., assim como fazem as entrevistadas.
Algumas das falas da personagem, como, por exemplo, “Lembra quando você me chamou de cachorrinho de Pavlov? Você disse que não ia mais precisar dar choques com a força dos primeiros dias por que a dor seria igual.” (Irene Ravache in QUE BOM TE VER VIVA – 00:27:20) podem ser comparadas com partes de seu testemunho à CNV:

> Um dos torturadores, de nome de guerra Nagib, me disse um dia que para eles nós éramos como cachorrinhos de Pavlov. O choque no início tinha de ser de alta voltagem. Mas depois, eles podiam dar choques pequenos que a nossa memória era do choque de alta voltagem. Nos já estaríamos nas mãos deles.

Em determinado momento, a personagem fala sobre seu medo de baratas, dizendo "[...] meu medo é nobre. Não é uma neurose qualquer, afinal de contas, ninguém gostaria de ter sido torturada por baratas" (Irene Ravache in QUE BOM TE VER VIVA – 00:45:10). Isso pode ser comparado ao depoimento de Murat – já citado anteriormente nesse artigo – encontrado no livro *Brasil: Nunca Mais*.

O lançamento de *Que bom te ver viva* aconteceu anos depois da ditadura ter acabado, mesmo assim, as ameaças e o medo que os realizadores da obra – principalmente a diretora – sofreram não foram tão minimizados. Lúcia Murat conta, em uma entrevista na 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos, que recebeu diversos telefonemas anônimos com ameaças e que sentia um constante medo de ter sua casa bombardeada a qualquer momento. Mesmo com uma diferença de 4 anos entre o fim da ditadura e o lançamento do filme, a repressão ainda era muito presente no país.

Na cena final do filme, podemos perceber essa sensação de aprisionamento sentida pela diretora e pelas entrevistadas. "[...] Eu não sei como é que é essa história de que a vida continua" (Irene Ravache in QUE BOM TE VER VIVA – 01:34:11), diz a personagem.

Na mesma entrevista para a 9ª Mostra de Cinema e Direitos Humanos, a diretora fala sobre como algumas pessoas dizem, até hoje, que o que aconteceu no Brasil não foi uma ditadura, diferente do que aconteceu no Chile ou na Argentina; ela atribui isso à imagem que a própria ditadura conseguiu "vender", e destaca a importância de recuperar a nossa história.

Conclusões

Levando em conta o que foi observado ao longo deste trabalho, pode-se entender a importância que a obra de Lúcia Murat tem em relação ao resgate da história. *Que bom te ver viva* é um filme forte, que não suaviza, em momento algum, o terror que foi a ditadura. É de extrema importância que se conheça o que essa época realmente foi, pois só assim se terá a certeza de que regredir à esses tempos terríveis não é uma solução – e não deveria ser nem algo pensado como uma opção – para o nosso futuro. A relação entre a diretora e a personagem fictícia também pôde ser estabelecia, a partir da análise de documentos e entrevistas. Esses documentos, referenciados nesse artigo, também são uma excelente fonte de conhecimento sobre nossa história.

Sendo assim, acredita-se que o presente trabalho pode servir como uma abertura para futuras pesquisas sobre cinema/ditadura, considerando que este é um tema que possui inúmeras questões a serem analisadas.

Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, pela concessão da bolsa de estudos.

À minha grande amiga Ana, por sempre me lembrar de que eu sou capaz.

À minha família, pelo apoio de sempre.

Referências

ARNS, D. Paulo Evaristo (organização). **Brasil: Nunca Mais**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
Arquivo CNV, 00092.001294/2013-38: Testemunho de Lúcia Murat à Comissão Estadual da Verdade do Rio de Janeiro (CEV-Rio), em 28 de maio de 2013. Disponível em: < http://www.cnv.gov.br/images/documentos/Capitulo10/Nota 17 - 00092.001294_2013-38 Lucia.2-6.pdf> Acesso em maio. 2017.
Comissão Nacional da Verdade - Relatório - Volume I – Dezembro de 2014. Disponível em: <http://www.cnv.gov.br/> Acesso em: mar. 2017.
Memórias da Ditadura, Lúcia Murat. Disponível em: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/lucia-murat/> Acesso em: mar. 2017.
Ministério da Cultura. A cineasta Lúcia Murat conta sua experiência durante a ditadura militar. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X_iqblmcbHM> Acesso em: mar. 2017.
QUE bom te ver viva. Direção de Lúcia Murat. Rio de Janeiro: Taiga Produções Visuais Ltda., 1989.